



①

Reunião de Melo Antunes com  
Agostinho Neto em 14 JUL 71

Presentes: M.A. - Almirante-Gen. Macedo -  
Maj. Barata - Martins e Silva - Dr. Teixeira  
da Mota - Secretário do M.A. (Lásio Mendes)  
Dr. Ag. Neto - Hojo do Nascimento -  
Iko Carreira - Ministro "Mortal" - A. Van  
Dunem.

A. Neto: o grande problema é saber  
qual vai ser a linha que assumirá  
o Poder: os progressistas ou os  
reaccionários.  
Temos sido sistematicamente acusados de  
sermos os iniciadores da violência.  
No entanto já vem do tempo de  
Castano e Spínola as tentativas  
reaccionárias de angolanos, portu-  
gueses e estrangeiros.  
Agora, em julho, somos acusados  
de violência. Porque é que nos



②

ocidentais anteriores, quando a  
FMA tomou posição de força e ali-  
caram, todos se "mataram" e mostraram  
tanta inquietude como agora?

Abordam problema de Cabinda, liga-  
do aos interesses do Zaire.

Neste momento, em que altura  
há, formalmente, 3 documentos,  
que até estas a agir sozinho,  
mas com certezas de retirar  
de portugueses e em conjunto com  
o Gov. Português; Temos de ver  
que Angola diga o caminho  
do neo-colonialismo? Nunca  
dissemos em público isto: não  
compreendemos o que a política  
de neutralidade positiva(?), defi-  
nida que foi dita depois de nós  
(MPA) ter dito que a nossa neutra-  
lidade era passiva. O que é que



③

que vão quer dizer? Na prática, nada.  
 O MPLA tem toda a responsabilidade  
 e os seus ombros. Temos a responsa-  
 bilidade do povo Angolano. Temos  
 - nos sentido como os únicos res-  
 ponsáveis aqui. Já dissemos isto  
 a MA em Lourenço Marques.  
 O MPLA sente-se cada vez menos  
 apoiado por aqueles que conside-  
 rávamos os únicos aliados - o  
 O MFA. Neste momento não nos  
 sentamos nem aliados, nem  
 próximos do MFA. Este deixou-nos  
 entregue à nossa sorte. Por isso  
 nós tomamos as nossas medidas.  
 Por isso a situação em Luanda.  
 É devido às nossas decisões.  
 É uma atitude consequente.  
 Nós temos muita força, mas pen-  
 samos que a indep. de Angola  
 não pode ser feita sem MPLA.



④

Não fechamos a porta ao MFA. Há  
 demasiados laços of Portugal. Politi-  
 camente prevê haver muitas  
 - mas os laços não se quebram.  
 Queremos uma aliança com os  
 progressistas do MFA contra as  
 forças, de lá e de cá.  
 Já defenderemos as forças progre-  
 ssistas angolanas. Não iremos  
 fazer nenhum compromisso que  
 nos leve para o neo-colonialismo.  
 Temos medo do neo-colonialismo.

— u —  
M.A. - Debateu argumentação de A. Neto  
 Portugal (e o MPLA) teve de aceitar o  
 compromisso lusitano da existência  
 de 3 ML's. O MPLA foi obrigado  
 a aceitar.  
 Não estamos interessados que se  
 firma de neo-colonialismo se instale  
 em Angola ou em qq. outra parte.  
 A nossa simpatia pelo MPLA foi de-  
 mostrada em várias circunstâncias  
 a partir do 25 de Abril.



⑤

M. Antunes Perzenta

Concretamente:

- 1º - Considera o MPLA que chegou o momento de destruir as outras frentes, que até agora eram járcenas? Considera-se o MPLA o único representante legítimo p/ quem se devem transferir os poderes?
- 2º - Se não, que papel ~~atribuem~~ atribuem aos outros ML'S?
- 3º - Que estratégia pensam agora, tendo em vista a possibilidade de uma aliança c/ a UNITA para se avançar na independência.

IKO - Ao 1º consideram-se únicos representantes das frentes progressistas. Apoi Nakuru, a FMA mantém o mesmo procedimento. Não foi nossa a iniciativa.



⑥

As atitudes violentas da FMA e que provocaram a reacção da nossa acção. Talvez que a reacção tenha apagado os sintomas da tal iniciativa.

—u—  
Temos o norte do País: está dominada economicamente, administrativamente e politicamente pela FMA, sem que Portugal tenha feito qualquer esforço para evitar.

—u—  
O que se passa fora de Luanda não interessa a ninguém. Aqui impressiona toda a gente a fraca reacção interna e externa.

Com respeito nossa, os 2 ML'S que em Nakuru pretendiam retirar toda a iniciativa a Portugal, vieram agora à CND entregar a responsabilidade toda ao AC. Por isso estamos dispostos a negociar conosco.



⑦

LOPO: quando a aliança  
UNTA está tudo na mesma, mas  
as circunstâncias não têm permitido  
avancar neste campo. Não abandono  
nunca a possibilidade, mas não têm  
sido possível avançar.

A. Neto: a <sup>no 2</sup> imagem de divisionismo ou  
terno, de caleidoscópio político, faz  
nos enfraquecer. ~~Alguns~~ é ainda  
falada por muitos, nomeadamente  
os ex-fidel, que felizmente ainda  
existem.

Nós queremos cumprir os Acórdos,  
mas queremos condições para sobre-  
viver.

Na prática, agora: aconselhar a FVLA  
a retirar os seus militares <sup>(Luzanda)</sup>. A popu-  
lar está farta. Não pode mais  
suportá-la. Quanto + longe melhor.  
Por parte dos responsáveis da FVLA.



⑧

há uma tentativa  
de paz e consequente de ir em prática  
a máquina eleitoral.

Os comunicados via rádio já não  
têm nenhum sentido, são já rido-  
culos, ninguém acredita neles.

Há que montar a Polícia, faz  
que haja uma certa ordem.

Será bom que nos há de ir  
há que encontrar uma fórmula  
para a Independência.

No plano económico, por ex.  
há que evitar que os que  
são próprios e chamam técnicos  
fazam o que estão a fazer.

Nos 4 meses que faltam, faz  
estabilizar, há que passar pela  
frenagem da FVLA. Sem isso  
não há paz.

Que papel desempenham a  
FVLA e UNTA? O. 1º momento.



ESTADO PORTUGUÊS DE ANGOLA

GABINETE DO GOVERNADOR-GERAL

9

A UNITA é uma lâbia de salvação dos colóns que querem manter os seus privilégios.

A UNITA como expressão ideológica, é zero. Só como representação dos interesses dessa gente é que interessa a Angola.

M.A. - Dissertou sobre tudo para conduzir ao esgotamento dos meios de negociação de Portugal e da necessidade de tentar recuperar as outras instituições internacionais para nos ajudar a começar de novo.

Assumimos o compromisso de não tomar medidas que favoreçam os outros ML'S. Mas há em todo lugar que restabelecer um mínimo de paz.



ESTADO PORTUGUÊS DE ANGOLA

GABINETE DO GOVERNADOR-GERAL

10

Há que enfrentar desde já as armas escondidas; elástico, exército, etc. Mas há que cessar fogo: retirar as forças de huanda, retirar as armas pesadas como pi-fa de artilharia, há muito, etc.

IKO - Neutralização de huanda não é possível. A FMA ainda perdendo e armada ou à paisana e com armas escondidas. A maior parte dos ataques à delegação da FMA é feita por populações que não suportam mais a presença do ELNA. Só fazendo sair os excedentes e prando a FMM se resolve. Não se aporte a FMA nos deixem fazer o mesmo. Em Nakuru, quando se assentou



no regresso das  
forças dos ML aos fundos  
dos outros, disse-se que isso devia  
que ser feito muito cuidadosamente.

A saída das armas pesadas não  
é problema, mas há que lembrar  
que a reacção também tem armas  
pesadas, que ultrapassam estas altu-  
ras.

Quanto ao chamamento das  
Forças do ONV, só se deve fazer em  
função as forças para um futuro  
neo-colonialista. Não creio que  
seja isso a sentença rotunda dos  
portugueses. Não podemos seguir  
mecanicamente os Acordos, temos  
que os adaptar aos condicionamentos  
da fronteira.

Frustrar a FNLA é uma obrigação  
do MPA e de Portugal, e há que começar  
em Luanda.



(MPLA) Disse-se que era necessário  
no manter FAP em  
Ambrizete, S. Salvador, para manter  
a linha de fronteira, mas as  
FAP reformam. Há que impedir  
a FNLA de se afossar, como pretende,  
chegar ao crato, ao camonho de  
Povo de Malauze.

Há que frear a FNLA na linha  
de contenção. Há que fazer  
sair a FNLA de Luanda. Com  
isso acabaram os incidentes.

A. Neto - A intervenção de forças estrangeiras  
serão sempre combatidas por  
o MPLA e pelo povo. E há que fazer  
sinais que também não ac-  
tariam. Era a internacionali-  
zação do conflito de Angola.

Conferir-se depois o grupo em  
Portimous acerca de como pô-  
o assunto à CND e ao ONU.